

## MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA: RELEMBRANDO O TEMPO DE DOCÊNCIA (1946-1967)

João Antônio de Sousa Lira (graduando em pedagogia/UFPI)

**RESUMO:** O texto, assim como a memória, é um tabuleiro, a cada peça posta no lugar, aumenta a complexidade, alongando os significados sócios culturais. Sendo assim, tivemos como objetivo analisar as memórias da professora *MB*, que viveu e lecionou na cidade de Nova Iorque (MA) entre os períodos de 1946 a 1967. A memória assume uma posição central no campo investigativo da educação da cidade, pois é partindo dela que construímos nesse texto sentidos e conhecimento que permeavam o imaginário social da época sobre a educação. Utilizamos como suporte teórico BURKE (1992), HALBWASCHS (1990), BARROS (2009), NASCIMENTO e FERRO (2010), dentre outros. A memória promove a valorização da identidade cultural de uma sociedade, possibilitando o entendimento das relações sociais estabelecidas no processo histórico de aprendizagem.

Palavras-chave: História. Memória. Docência.

**ABSTRAT:** The text, as well as the memory is a board, each piece put in place, the complexity increases, lengthening the meanings members' culture. Thus, we aimed to analyze the memories of Professor MB, who lived and taught in New York City (MoU) between the periods 1946-1967. The memory takes a central position in the investigative field of education of the city, as it is starting to build this text meanings and knowledge that permeated the social imaginary of the time on education. Used as theoretical support BURKE (1992), HALBWASCHS (1990), BARROS (2009), NASCIMENTO and FERRO (2010), among others. The memory enhances appreciation of the cultural identity of a society, allowing for better understanding of social relations in the historical process of learning.

Keywords: History. Memory. Teaching.

### Introdução

A História pode ser contada, revisitada e recriada através de vários véis, porém é importante que tomemos consciência e cuidado quando revisitamos o passado e dermos uma interpretação pessoal que também é uma interpretação coletiva dos acontecimentos que nos antecederam, que de alguma forma teve um valor sentimental, emocional, político e social para um grupo de pessoas, por exemplo, a construção de uma represa como é o caso da cidade de Nova Iorque, só se tornou um acontecimento histórico porque gerou transformações sociais e afetou diretamente ou indiretamente um determinado grupo de pessoas, com a construção dessa represa a água inundou a cidade, gerando transformações no meio em que essas vivem, ou seja, é necessário que haja uma fissura entre a natureza como ela realmente é, e aquilo que poderia ser modificada, principalmente se gerasse um significado social para a comunidade.

Diante disso nossas interpretações e inferências só serão possíveis se tivermos fontes de pesquisa históricas que venham a nos permitir (re) visitar o lugar do outrem de outrora. É importante deixar esclarecido que a atividade de recontar a história é sempre um serviço limitado uma vez que muitas das fontes históricas que utilizamos para reaprender o passado se perderam ao longo do tempo, são documentos oficiais que se deterioram, fontes vivas que morreram (pessoas). Quando falamos em reconstruir o passado temos que ter métodos e técnicas específicas que apreenda os significados socioculturais da temática abordada na pesquisa, porque as fontes que nos restam são limitadas e que apesar dessas fontes serem escassas, podemos cruzar uma com as outras, para podermos ter uma compreensão mais fidedigna, levando em conta a metodologia aplicada pelo pesquisador da historiografia.

Mas o que seriam essas fontes de pesquisa histórica? De acordo com Alberti (2000, p. 2) *“registros sonoros (músicas, jingles, gravações radiofônicas), ou ainda fotografias, caricaturas, desenhos, filmes, monumentos, obras de arte e de arquitetura, são passíveis, hoje em dia, de se tornar fontes para o estudo do passado”*. Para o mesmo autor, qualquer instrumento pode se tornar uma fonte em pesquisa histórica, o olhar que o pesquisador vai dar a suas fontes (seus detritos, fragmentos, ruínas) é que vai gerar sentidos e elocução para pensar e interpretar o passado, uma vez que essa interpretação se dar através dos métodos e técnicas escolhida pelo pesquisador para se chegar a um conhecimento produzindo assim a compreensão dos fenômenos históricos.

Segundo Saviani:

As fontes estão na origem, constitui o ponto de partida, a base, o ponto de apoio da construção historiográfica que é a reconstrução, no plano do conhecimento, do objeto histórico estudado. Assim, as fontes históricas não são a fonte da história, ou seja, não é delas que brota e flui a história. Elas, enquanto registros, enquanto testemunhos dos atos históricos, são a fonte do nosso conhecimento histórico, isto é, é delas que brota, e nelas que se apoia o conhecimento que produzimos a respeito da história. (2004, p. 5-6).

Nesse sentido de que é o olhar que o pesquisador vai dar a sua fonte de pesquisa que escolhi como fonte de pesquisa as memórias escolares da professora MB que viveu e lecionou na cidade de Nova Iorque (MA) entre os períodos de 1946 a 1967. Queremos deixar esclarecido que o recorte temporal não se esgota nestas datas, pois como a memória é algo que esta em constante mutação, não queremos correr o risco de tentar mostrar a verdade absoluta dos fatos, mas o ponto de vista pelos quais serão analisados.

Para Maurice Halbwachs (1990) a memória individual também é coletiva, uma vez que o indivíduo só constrói suas memórias estando em relação com o ser social, e a rememoração deste, só se faz quando este interage com as instituições. Sendo assim, notamos que os documentos oficiais que retratam da educação da cidade de Nova Iorque (MA) neste período são quase escassos.

Partindo da perspectiva da Nova História Cultural que segundo Burke (1992) é definida como uma escrita que ultrapassa o paradigma da história tradicional, pois vai de encontro com as histórias que foram marginalizadas e esquecidas pela história tradicional. Ainda para o mesmo autor, a Nova História começou a se interessar por virtualmente toda a história, inclusive a história vista a partir de novo paradigma, que é a história escrita e contada por outros personagens, além daquelas “escrituras” que contam feitos de “grandes homens”, “heróis”, sendo assim a história de vida ganha contornos temporais, sociais, culturais e subjetivos, pois o indivíduo que viveu determinado período, produziu seu existir social.

Funciona como uma novela, em que o ator principal vive uma trama, e como plano de fundo da história singular e única desse ator perpassa fatores condicionantes de cada época. É aqui que a história de vida fará sentido para nós, pois com as memórias narradas da professora *MB*, poderemos tirar algumas inferências de como era o contexto social, educacional e cultural da cidade de Nova Iorque. Para Ferro e Nascimento:

“As histórias de vida são concebidas como fontes, não ingênuas ou aleatórias, mas como resultados de experiência social, onde a subjetividade encontra sua potencialidade e sua forma de contribuição na valorização dos sujeitos e processos sociais, desenvolvidos e protagonizados em contextos específicos de formação e interação” (FERRO, 2009: p, 74)

De acordo com Jucá (2003, p.31) “É explorando a dinâmica do mundo, das representações, produzidas ou valorizadas pela cultura popular que se pode atingir uma dimensão mais ampla do que antes parecia limitado ou banal”. Entendemos que a história da educação da nossa cidade anda esquecida, neste sentido o esquecimento se configura como algo que banaliza o passado, até ouvimos inúmeros discursos que trazem novos paradigmas, mas que sempre faz um rearranjo negativo com o passado, o esquecimento nesse sentido é entendido como uma ato contra o passado.

Diante disso, a memória assume uma posição central no campo investigativo da educação da cidade, pois é partindo dela que pretendemos construir sentidos e conhecimento que permeavam o imaginário social da época sobre a educação.

O período escolhido para a realização desta pesquisa se justifica pelo fato de que a cidade de Nova Iorque (MA) em 18 de janeiro de 1963 foi condenada a submersão, pois nesse dia foi publicada no Diário Oficial da União a construção da Hidrelétrica (Barragem) de Boa Esperança, onde os moradores foram transferidos para outra cidade rio acima em 1967, deixando para trás toda uma estrutura simbólica e social, dentre essas os prédios escolares, que hoje se situam submersos no rio Parnaíba.

## **Memória e Educação**

A memória desde os primórdios era utilizada para contar, repassar mitos através da oralidade, uma vez que a palavra escrita não existia, e se existia nem todos tinham acesso a ela. Nesse processo de contar mitos a utilização da memória era de total relevância, pois passava adiante costumes e tradicionais da sociedade para as novas gerações. Para nós particularmente, a memória, sempre esteve entrelaçada com a história, uma vez que, todo e qualquer documento seja escrito ou oral se utiliza dessa capacidade cognitiva para afirmar valores na sociedade. Para Barros (2009, p 37) “devemos pensar na Memória como instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos”.

Para Le Golf (1990, p.366) “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” Nesse sentido é que nos deteremos às memórias da professora *MB*, afim de, traçar essas impressões que a mesma carrega sobre o passado, e o modo de como que essas informações nos façam compreender as dinâmicas do lugar.

A memória é importante para a história da educação dentre outros modos, uma vez que, faz uma relação com

temas como a cultura cotidiana escolar, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais, a imprensa pedagógicas, os livros didáticos (...) tem sido crescentemente estudados e valorizados (LOPES e GALVÃO, 2001: p, 40).

Desse modo ao analisarmos as memórias da professora MB, estaremos ao mesmo tempo analisando tanto as memórias individuais, como as lembranças coletivas da mesma, uma vez que nesse processo de rememoração, elementos cotidianos vividos e narrados por outras pessoas podem ter sido internalizados pela mesma, fazendo com que a memória se torna algo coletivo. Ao entrar em contato com as narrativas da mesma, alguns elementos se configuram importante para compreender as dinâmicas da escola, e o mais importante é o local social que o sujeito da pesquisa se encontra, ou seja, uma professora que viveu e lecionou na “cidade velha de Nova Iorque” no período de 1946 a 1967.

### **Memórias da professora “MB”**

Para Martins (2007, p,1) “a memória é o registro transcendente do tempo que já não mais é, ativado no presente pela lembrança que opera o uso dos conteúdos da memória”. Assim, costuramos com as lembranças fios que se tornarão um reflexo do tecido social da época. Começamos a costurar as memórias perguntando para a professora com que idade começou a trabalhar na docência, e como era o trabalho desenvolvido na escola. “MB” nos diz:

Eu trabalhei, comecei a trabalhar com 19 anos, trabalhava na escola Unidade Integrada Anália Neiva, trabalhava de 1ª, levando a turma de 1ª a 5ª série. Nossa diretora era a Dona Maroquinha, a gente trabalhava em termo de muita harmonia, muita compressão, havia muita amizade entre o grupo de professoras, era como se fossemos irmãs, qualquer duvidas que tínhamos a gente chegava pra uma colega, não tinha medo de falar, se tínhamos dificuldade em um assunto chegava numa colega que desse uma força que a gente não tava entendendo muito bem.

Como podemos observar, naquele tempo existia um companheirismo entre as professoras, não existia competição de saberes, sendo assim podemos dizer que havia um processo de interação entre as professoras, criando o uma harmonia no local de trabalho. O trabalho docente para Libâneo (1994,p. 16) “ é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social”, ou seja, inferimos que as professoras trabalhando uma ajudando as outras, estavam mostrando para seus alunos que fora dos muros da escola, existia um processo social, de que ninguém

consegue viver sozinho, que ninguém é sabedor de tudo, que para participar da sociedade precisam do outro.

A professora *MB*, nos fala o que fazia sentir-se alegre na profissão docente, segundo a mesma,

o que trazia, assim...muito alegria pra gente é que os alunos, a boa parte, tinha um bom aproveitamento, numa turma de 30, 40 alunos ficava em média meia dúzia de alunos reprovados, o resto passava todo mundo, todo mundo tinha interesse de prestar atenção as aulas, de responder bem as provas, era muito obediente aos professores.

Podemos observar que para a professora, a alegria estava no rendimento dos alunos, e no bom comportamento que eles demonstravam, afinal, naqueles anos o aluno tinha respeito à figura do professor. Em pesquisa realizada com os moradores da velha cidade em 2010 e 2011, que deu origem ao artigo “Vozes e lembranças que ecoam em Nova Iorque (MA): uma construção imaginária de uma cidade” observou nas entrevistas realizadas com os moradores que o professor era admirado, “o espelho da sociedade”, o que vai de encontro com as narrativas da professora *MB*, onde segundo a mesma os alunos eram obediente aos professores. Perguntamos como era a escola naquele tempo, de acordo com a professora:

Era uma escola que dava oportunidade para todos os alunos da região, e funcionava assim, obedecendo bem as normas da secretaria de educação, a gente recebia p programa que vinha de São Luís, a gente recebia visitas de supervisores para tirar as duvidas da gente, era uma escola bem equipada, obedecendo as normas da secretaria de educação, o aluno quando terminava o quinto ano recebia o diploma pra entrar no ginásio

O ensino primário da cidade era de ótima qualidade e conhecido com prestígio e respeito na região por ser um dos melhores. A formação oferecida pelas escolas da época era só a primaria de 1ª a 5ª série, as pessoas da época com maior poder aquisitivo colocavam seus filhos para estudar na cidade de Floriano – PI, também as margens do rio Parnaíba.

Ao analisarmos esse trecho da entrevista observamos que, a escola recebia tudo da secretaria de educação, podemos notar a concepção de gestão técnico-científica, uma vez que a secretaria tinha assumido o controle sobre as atividades da escola. De acordo com Libâneo et al (2003,p. 326) “ a concepção técnico-científica, valoriza o poder e autoridade, exercidos unilateralmente [...] com isso, o grau de autonomia e de envolvimento profissional fica enfraquecido.” Na concepção técnico-científica da gestão, podemos notar o poder centralizado, no caso da escola, o poder se centraliza na Secretaria de Educação, ferindo o principio de autonomia da escola.

Para Libâneo (2001), autonomia é o fundamento da concepção democrático-participativa da gestão escolar. No entanto lembremos que a gestão democrática é assegurada em forma de lei somente na Constituição Federal (88) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/9394/96), e o período de investigação das memórias da professora é 1946 a 1967. Acharmos por bem fazer essa comparação entre o que era a escola antes da promulgação da Constituição de 1988, pois o que acontecia na escola que a professora *MB* lecionava era uma receita que estava dando certo naquele momento, segundo a mesma *“naquele tempo era muito diferente da forma como é hoje, principalmente como é transmitido o conteúdos pros alunos, e a forma de aprendizagem daquele tempo ACHO QUE VALIA A PENA.”*

A escola na época se incumbia de oferecer uma formação primária, desenvolvendo a escrita, leitura e outras áreas do conhecimento nas crianças. A escola como uma instituição social, transmite valores aos cidadãos, e ao mesmo tempo em que transmite é guardião desses valores. Ao falarmos de função social da escola, estamos falando em educação como termo amplo, que se estende desde as relações que os cidadãos têm com a escola, até as relações que esses indivíduos têm com as demais instituições, gerando assim as relações sociais. Quando a professora *MB* nos diz que:

Naquela época a questão da disciplina, era o seguinte, era pouquíssimos alunos que faziam parte desse grupo de indisciplinado, a maioria dos alunos eram bons tanto no aproveitamento como na questão do comportamento, quando o aluno era insubordinado, aí a diretora utilizava a suspensão, o aluno ia suspenso né, passava três dias suspenso e aí o pai tinha que comparecer para a diretora informar que o aluno tinha sido suspenso, porque não estava obedecendo.

Logo, essa indisciplína se refletia em toda a cidade, pois o aluno que não respeitava as regras era tido como “mau elemento”, ou seja, começava a ser visto com maus olhos, e assim começava a discriminação, pois a escola estava em busca de “alunos ideais”. Notamos também, que a cidade de Nova Iorque (MA), era um dos principais pontos comercial da época, ponto de embarque e desembarque de mercadorias, e existiam pequenas indústrias de arroz, tecidos e principalmente de cera de carnaúba (árvore nativa da região) e outras especiarias. Logo quem iria trabalhar no comercio, eram aqueles alunos que tinham sido comportados na escola, que tinham bom aproveitamento no seu boletim, e que a sociedade aceitasse, o “bom moço”. Então por trás da suspensão esta imbuída toda uma estrutura de segregação social. Ainda no tocante a indisciplína a professora nos diz:

também podia interferir na questão da nota né, porque naquele tempo, o aproveitamento era, o aluno tirava até 6 era insuficiente, pra ele ter nota com melhor aproveitamento tinha que ser acima de 7. Naquela época o aluno tinha pavor à suspensão, o aluno que era suspenso era tido com mau elemento, naquele tempo a expressão era essa.

O pavor a suspensão, por parte dos alunos estava justamente na discriminação que a sociedade iria gerar, pois como visto, o aluno que era suspenso não tinha relevância social, ficava difícil até arrumar uma namorada de prestígio. Quanto à avaliação, notamos que se presava muito a questão da nota, bastante discutida hoje em dia. Os métodos de abordagem educacional eram tradicionais, com direito a palmatória, castigo em grão de milho, e sabatina. A partir das memórias da professora *MB*, podemos compreender um pouco mais do nosso passado, pois é criando possibilidades de entendimento das ações dos seres humanos que relacionamos passado e presente.

### **Algumas considerações**

O texto, assim como a memória, é um tabuleiro, a cada peça posta no lugar, aumenta a complexidade, alongando os significados sócios culturais. O que vimos neste trabalho foi uma análise das memórias da professora M, e ao mesmo tempo em que estávamos analisando as memórias de um indivíduo, que tem sua história singular e única, pois ninguém vive e vê as coisas do mesmo modo, mostramos um pouco da realidade vivenciada coletivamente. Assim, a memória assumiu uma postura fundamental neste trabalho, pois promove a valorização da identidade cultural de uma sociedade, possibilitando as relações sociais estabelecidas no processo histórico de aprendizagem no decorrer do tempo.

Acreditamos que nosso objetivo foi alcançado, na medida em que relembrar o passado, que às vezes é esquecido e silenciado, a uma história vista de cima, conseguimos entender várias manifestações que nos cercam. Mostramos neste trabalho, uma entre várias interpretações das memórias que emergiram da professora. As memórias da professora nos fez perceber que existem memórias diferentes, ou seja, cada indivíduo carrega em si marcas e sutilezas que são compartilhadas com outros.

Foi através da memória que vários mitos se propagaram através dos tempos, desde os primórdios até hoje, é a valorização da memória histórica da educação de nossa cidade que



estamos em busca, pois a educação é um fenômeno que atinge toda a sociedade, e entendendo suas manifestações é podemos ter uma compreensão do nosso presente.

## **Referencias**

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. [5]f.

BARROS, José D'Assunção. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. *MOUSEION*, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, 1990.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *O alcance da oralidade como opção metodológica*. In: VASCONCELOS, José Gerardo; JUNIOR, Antonio Germano Magalhães. **Linguagens da História**. Fortaleza: imprece, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos et al. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2003

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994

MARTINS, Estevão C. de Rezende. **O enigma do passado: construção social da memória histórica**. *TEXTOS DE HISTÓRIA*, vol. 15, nº 1/2, 2007

SAVIANI, Dermeval. “Breves considerações sobre fontes para a história da educação”. In: LOMBARDI, J. C. e NASCIMENTO, M. I. M. (Org). **Fontes, História e Historiografia da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 3-12.